



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/11/2024 e 14/11/2024

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>08/11/2024</b>	10,16	296,20	48,77	5,72	4,31
<b>11/11/2024</b>	10,11	295,10	48,14	5,65	4,30
<b>12/11/2024</b>	10,03	292,90	46,23	5,52	4,28
<b>13/11/2024</b>	10,04	291,60	45,18	5,41	4,26
<b>14/11/2024</b>	9,85	287,00	44,44	5,30	4,19
<b>Média</b>	<b>10,04</b>	<b>292,56</b>	<b>46,55</b>	<b>5,52</b>	<b>4,27</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	129,00	
RS – Não Me Toque	126,00	
RS – Londrina	132,00	
PR – M.C.Rondon	132,00	
MT – C.N.Parecis	143,00	
MS – Maracaju	142,00	
GO - Rio Verde	130,00	
BA – L.E.Magalhães	121,20	
MILHO(**)		
Porto de Santos	74,00	CIF
Porto de Paranaguá	69,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	66,00	
SC – Rio do Sul	70,00	
PR – M.C.Rondon	60,00	
PR – Londrina	60,00	
MT – C.N.Parecis	54,00	
MS – Maracaju	65,00	
SP – Itapetininga	74,00	
SP – Campinas	76,00	CIF
GO – Rio Verde	64,00	
GO – Jataí	64,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	69,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Londrina	77,00	
PR – M.C.Rondon	79,00	

Período: 13/11/2024

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 14/11/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	67,43	129,41	69,33

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
14/11/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	112,59
Feijão (saco 60 Kg)	303,75
Sorgo (saco 60 Kg)	55,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,98
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,72 **
Boi gordo (Kg vivo)*	9,28

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Referência Setembro/24, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, após o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 08/11, ensaiaram uma recuperação, porém, o movimento não se sustentou. Com isso, o bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, fechou em US\$ 9,85 nesta quinta-feira (14), contra US\$ 10,15 uma semana antes.

Quanto ao relatório, o mesmo surpreendeu ao reduzir a safra dos EUA de 124,7 para 121,4 milhões de toneladas. Embora ainda bem acima dos 113,3 milhões do ano anterior, este corte de mais de 3 milhões chamou a atenção e colocou alguma pressão sobre Chicago. Especialmente porque, com isso, os estoques finais estadunidenses igualmente foram reduzidos para o ano 2024/25, passando, agora, de 15 para 12,8 milhões de toneladas (no ano anterior os mesmos foram de 9,3 milhões). A produção mundial também foi um pouco reduzida, ficando em 425,4 milhões de toneladas, contra 428,9 milhões anteriormente. Os estoques finais globais caminharam na mesma linha, caindo de 134,6 milhões de toneladas para 131,7 milhões. Enfim, as safras brasileira e argentina não sofreram modificações em suas projeções, ficando em 169 e 51 milhões de toneladas respectivamente. Já as importações chinesas permaneceram em 109 milhões de toneladas. Mesmo assim, o preço médio da soja, aos produtores estadunidenses, neste novo ano comercial, foi mantido em US\$ 10,80/bushel, contra US\$ 12,40 e US\$ 14,20 nos dois anos anteriores.

Já a colheita da soja, nos EUA, até o dia 10/11, atingia a 96% da área, contra 91% na média histórica.

E na China, as importações de soja devem recuar 9,5% no atual ano comercial que termina em setembro/25. Em sendo assim, não se confirmará a estimativa do USDA, de importações em 109 milhões de toneladas. Pelo contrário, um recuo desta envergadura, sobre o volume deste último ano comercial, dará uma importação total de 101,4 milhões de toneladas. Em ele se confirmando, o mesmo será menor, inclusive, do que o registrado em 2022/23. Aliás, para os chineses o volume será de 98,8 milhões de toneladas, pois, segundo eles, as importações do último ano foram de 109,4 milhões e não de 112 milhões de toneladas como indica o USDA. Em outubro, a China importou 8,1 milhões de toneladas de soja, o maior volume para o mês em quatro anos e um aumento de 56% em relação às 5,18 milhões de toneladas de um ano atrás. Neste momento, na China, a demanda por farelo melhorou porque melhorou o desempenho das empresas de suínos. Desde a disputa comercial com Trump, no primeiro mandato do presidente dos EUA, a China tem tomado medidas para reduzir a dependência de produtos agrícolas norte-americanos em um esforço mais amplo para reforçar sua segurança alimentar. “Até agora, neste ano, a participação dos EUA nas importações chinesas de soja caiu para 18%, contra 40% em 2016, enquanto a participação do Brasil cresceu de 46% para 76%, de acordo com dados da alfândega chinesa” (cf. Cofco).

E no Brasil, os preços continuaram sustentados pelo câmbio, que girou entre R\$ 5,75 e R\$ 5,85 durante a semana. Com isso, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 129,41/saco, enquanto as principais praças locais registraram valores entre R\$ 126,00 a R\$ 129,00/saco. Já nas demais regiões do país, os preços oscilaram entre R\$ 121,00 e R\$ 143,00.

Dito isso, o plantio da soja brasileira, em 2024, alcançou os 68,4% da área esperada, contra a média de 70% para este período do ano (cf. Pátria Agronegócio). Enquanto isso, o plantio de soja no Mato Grosso atingiu a 93,7% da área esperada no Estado, para 2024/25, contra 91,7% na média (cf. Imea).

No Rio Grande do Sul, o plantio atingia a 23% da área esperada no dia 07/11, contra a média de 24% (cf. Emater). E no Paraná, o plantio chegava a 92% da área até o dia 11/11 (cf. Deral).

Por sua vez, a comercialização antecipada da nova safra brasileira atingia a 28,2% do volume esperado. No ano anterior, 24,2% haviam sido negociados nesta data. A média histórica é de 33% (cf. Safras & Mercado). Já no Mato Grosso, as vendas antecipadas atingiam a 38,4% da safra esperada, sendo que a colheita local deverá iniciar em janeiro. Já as vendas da safra 2023/24 somaram 98,5% do total colhido (cf. Imea).

Já a exportação de soja brasileira, em novembro, deverá somar 2,8 milhões de toneladas, enquanto a de farelo chegaria a 1,9 milhão de toneladas, segundo a Anec.

Em síntese, a semana fecha com o mercado diante de muitas incertezas, especialmente em relação ao que fará o novo governo Trump em relação à China e à política de biocombustíveis. Soma-se a isso a entrada da safra estadunidense e a expectativa de uma safra sul-americana recorde. Outra questão em jogo é o comportamento do dólar e a marcha da inflação nos EUA. Ao mesmo tempo, a Argentina está vendendo farelo de soja em grande quantidade (o farelo, em Chicago, atingiu US\$ 291,60/tonelada curta no dia 13/11, o mais baixo preço desde o dia 26/08/2020, portanto, há mais de quatro anos). Enfim, as indústrias esmagadoras de soja chinesas não querem comprar o produto para embarque a partir de janeiro próximo, nos EUA, esperando para ver o que virá com o novo governo estadunidense.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, após subirem durante a semana, recuaram no final da mesma. O bushel do cereal, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (14) em US\$ 4,19, contra US\$ 4,27 uma semana antes.

Enquanto isso, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 08/11, indicou uma redução na produção dos EUA, para este ano 2024/25. A mesma ficaria, agora, em 384,6 milhões de toneladas, contra 386,1 milhões no mês anterior. Com isso, os estoques finais estadunidenses, do cereal, recuam para 49,2 milhões, contra 50,8 milhões de toneladas um mês antes. Já a produção mundial aumenta para 1,219 bilhão de toneladas, ganhando pouco mais de dois milhões de toneladas sobre outubro, porém, os estoques finais globais foram reduzidos para 304,1 milhões, contra 306,5 milhões de toneladas no relatório anterior. A produção brasileira e argentina foi mantida em 127 e 51 milhões de toneladas. Enfim, o preço médio aos produtores estadunidenses, para o ano 2024/25, foi mantido em US\$ 4,10/bushel, contra US\$ 4,55 e US\$ 6,54/bushel nos dois anos anteriores.

Por sua vez, a colheita do milho estadunidense, até o dia 10/11, atingia a 95% da área, contra 84% na média histórica.

E no Brasil os preços se mantiveram com viés de alta, sendo que a média gaúcha fechou a semana em R\$ 67,43/saco, enquanto as principais praças negociaram o cereal em R\$ 66,00/saco. Já nas demais regiões do país o milho ficou cotado entre R\$ 54,00 e R\$ 74,00/saco.

Dito isso, a Secex informou que nos primeiros seis dias úteis de novembro o Brasil exportou 1,7 milhão de toneladas de milho, com a média diária ficando 23,2% abaixo do obtido em todo o mês de novembro de 2023. Lembrando que em novembro do ano passado as exportações de milho alcançaram a 7,4 milhões de toneladas. Diante de tais números, o mercado continua esperando vendas anuais de apenas 36 a 38 milhões de toneladas em 2024, contra 55 milhões no ano anterior. A Anec projeta uma exportação de milho, em novembro, de 5,4 milhões de toneladas.

Mesmo assim, diante de uma demanda interna aquecida, e uma produção menor neste último ano, os preços continuam em alta.

Em tal quadro, o Imea anunciou que as vendas de milho, desta última colheita, atingiram a 86% da produção total no Mato Grosso, contra a média histórica de 89%. Já as vendas da safra nova, que será colhida somente no próximo ano, atingiram a 20,9% do total esperado. Este aumento nas vendas teria sido puxado pela melhoria de 15,5% no preço médio daquele Estado em outubro/24, o qual fechou em R\$ 50,67/saco. Enquanto isso, para a safra futura, o preço médio em outubro fechou em R\$ 42,62/saco, ganhando 4% sobre setembro.

Por sua vez, o plantio da safra de verão, no Paraná, atingia a 98% da área esperada, no dia 11/11, enquanto no Rio Grande do Sul o mesmo chegava a 78% até o dia 07/11, contra 76% na média.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram fortemente nesta semana, com o bushel fechando a quinta-feira (14) em US\$ 5,30 para o primeiro mês cotado, contra US\$ 5,71 uma semana antes. O valor deste 14/11 não era visto desde o final de agosto.

O relatório de oferta e demanda, do USDA, apontou, no dia 08/11, que a produção de trigo nos EUA fica em 53,6 milhões de toneladas em 2024/25, enquanto os estoques finais do país atingem a 22,2 milhões. A produção mundial do cereal chegaria a 794,7 milhões de toneladas, e os estoques finais globais a 257,6 milhões. Ambos sem grandes alterações sobre o que foi indicado um mês antes. A produção do Brasil e da Argentina ficaria em 8,5 e 17,5 milhões de toneladas, com redução de 500.000 toneladas para os dois países, em relação ao indicado em outubro. As exportações da Argentina somariam 11,5 milhões de toneladas e as importações brasileiras ficariam em 6 milhões. Lembrando que, para o caso argentino, as estimativas locais dão conta de 19 milhões de toneladas produzidas e até 13 milhões exportadas. Enfim, o preço médio ao produtor estadunidense, para o novo ano comercial, seria de US\$ 5,60/bushel, contra US\$ 5,70 na projeção de outubro, US\$ 6,96 em 2023/24 e US\$ 8,83/bushel em 2022/23.

Enquanto isso, o plantio do trigo de inverno, nos EUA, até o dia 10/11, chegava a 91% da área, contra 93% na média histórica. Do total semeado, 76% estava germinado na data. Quanto às condições das lavouras, 18% estavam em condições ruins à muito ruins.

E na Índia os preços locais atingiram a um recorde diante de uma forte demanda e de uma oferta limitada. Além disso, o governo local demorou para liberar os estoques públicos. Lembrando que em setembro a Índia reduziu o limite dos estoques de trigo, que os comerciantes e moageiros podiam comprar, visando aumentar a disponibilidade do grão e segurar os preços. Mas isso não fez efeito e a tonelada de trigo chegou, agora, a US\$ 355,64, subindo 31,9% sobre o preço fixado pelo governo para a safra passada. A expectativa do mercado local é de que os preços subam ainda mais. “Os estoques de trigo, nos armazéns estatais, eram de 22,3 milhões de toneladas no início de novembro. Um pouco acima das 21,9 milhões de toneladas do ano passado, mas muito abaixo da média de 32,5 milhões.” (cf. Reuters).

Já na Europa, os preços recuaram nesta semana, diante da forte concorrência mantida pela Rússia e a Ucrânia. Com isso, o preço do cereal russo, com 12,5% de proteína, ficou cotado em US\$ 230,00/tonelada FOB, nível que a União Europeia não consegue competir junto ao mercado árabe e africano. Pesa igualmente o baixo preço do trigo argentino neste momento. Em tal contexto, a França cortou sua estimativa de exportação, para 2024/25, em 40%, após uma das piores safras do país em 40 anos (cf. France AgriMer). Em paralelo, os agricultores europeus iniciaram protestos, nesta semana, contra o acordo União Europeia-Mercosul, preocupados que estão com a possível liberação de importações de produtos sul-americanos por parte da Europa.

E no Brasil, a colheita praticamente chega ao fim, com a quebra de volume e qualidade se confirmando em diferentes regiões. Com isso, os preços locais seguem com viés de alta, particularmente o produto de qualidade superior. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 69,33/saco, enquanto no Paraná o produto ficou entre R\$ 77,00 e R\$ 79,00/saco. Ao mesmo tempo, o Brasil continua importando trigo, sendo que em outubro teria comprado 552.400 toneladas, o maior volume para o mês em cinco anos. Assim, a quantidade importada nos primeiros 10 meses do ano já atinge a 5,7 milhões de toneladas, devendo facilmente superar as 6 milhões de toneladas em todo o ano de 2024. Este será o maior volume anual importado desde 2013.

A colheita no Paraná atingiu a 98% da área até o dia 11/11, enquanto no Rio Grande do Sul a mesma chegava a 64% em 07/11, contra 79% na média histórica. Com o clima favorável nesta última semana, a colheita gaúcha, neste momento, está perto do final igualmente.

A tendência é de os preços subirem mais logo adiante. Em Santa Catarina, por exemplo, os primeiros lotes colhidos foram oferecidos aos moinhos com valores entre R\$ 85,00 e R\$ 90,00/saco FOB, enquanto o preço pago diretamente ao produtor local oscila entre R\$ 70,00 e R\$ 78,00/saco nas principais praças produtoras daquele Estado.

Santa Catarina parece ser um dos raros Estados em que a produção aumentará neste ano, assim como o Rio Grande do Sul. No caso catarinense o aumento poderá chegar a 40,8%, com a produção final atingindo a 433.000 toneladas (cf. Epagri). O Paraná

calcula algo em torno de 2,6 milhões e o Rio Grande do Sul talvez consiga alcançar 4 milhões. No total, o país deverá produzir ao redor de 7,5 milhões de toneladas, sem considerar que há muito produto de qualidade inferior.

Enfim, como existe um volume importante de trigo com baixa qualidade, as exportações continuam para mercados menos exigentes. Nos primeiros nove meses do corrente ano o país já teria exportado 2,5 milhões de toneladas, com um aumento de 21,6% sobre igual período do ano anterior.